Compra. 1997

=1/msen da lidade = Hc/his.506.3

NORBERTO DE ARAÚJO

PEREGRINAÇÕES EM LISBOA

III VOL.





CAPITULO VII

DE S. CRISTÓVÃO E ACHADA, PELAS FARINHAS, AO LARGO DA ROSA



ADA VEZ que se fala do excêntrico pictural de Lisboa, citam-se a Alfama, o Bairro Alto, Alcântara, a Mouraria, a Madragôa, como sítios bairristas onde o pitoresco se concentrou. É certo que neles palpita, suada de gracioso plebeismo, a alma encantadora das ruas; em rigor, porém, não se pode dizer que o típico se encontra apenas ali. A área que vamos percorrer — numa dúzia de passadas — também oferece o seu inte-

rêsse: S. Cristóvão, as Farinhas, a Achada, menos servidos de documentos do que aqueles bairros padrões, nem por isso deixam de possuir a sua graça sugestiva, o seu palpitante realismo, uma e outro capazes de inspirarem aguarelistas de centelha.

Do Pátio de D. Fradique, pelo Chão da Feira e Calçada Marquês de Tancos — parcela da nossa «Peregrinação» já percorrida — descemos a S. Cristóvão.

É bem alfacinha êste sítio. Recolhe-se e pode dizer-se que se retrai; uma certa modéstia defende-o das passagens triviais e teima

S. Cristóvão

em andar esquecido das crónicas olisiponenses. Júlio de Castilho pouco para aqui veio; só Roque Gameiro se deliciou, como nós, dentro desta humildade que se apraz na própria insignificância bairrista.

E, todavia — vais ver —, os nossos olhos não se arrependerão da curta jornada.

Estamos deante de S. Cristóvão, no Largo pequeno que tem a Sul, defronte do templo, as Escadinhas que levam à Rua da Madalena. Encosta-te à cortina: observa-me essas minúsculas casitas, do princípio do século passado, acumuladas, em capricho de intersecção, graciosas na suas escadas exteriores, e melancólicas no seu ar de condenadas perante um urbanismo racional.

Não reparaste que apenas pelo enunciado — S. Cristóvão tem uma ressonância bairrista? Ora vejamos o templo, que do seu comêço esteve isolado, e só mais tarde foi rodeado de casas e, por consequência, de betesgas, naquele amontoado indisciplinado que caracterizava os focos de população crescente nos séculos da primeira dinastia.

iges) 42 4. Epistéra

S. Cristóvão data dum período que se pode comportar entre 1308 e 1337. Há também quem suponha que a igreja foi fundada em 1415 por D. Martinho Afonso Pires, um dos conselheiros de D. João I, arcebispo de Braga de 1398 a 1416, antes bispo de Coimbra, que assistira à batalha de Aljubarrota; não o crêmos.

Certo é estar o seu túmulo na sacristia velha desta igreja. No epitáfio assinalam-se os cargos que o prelado desempenhou, fala-se da sua acção militar, e da sua morte a 25 de Março de 1416, mas não se alude à fundação do templo, que deve recuar a muito antes, nem ao fundador. A ser D. Martinho o fundador, não deixaria a legenda de o registar.

Tal qual sucedeu a tôdas as Igrejas, e outras edificações de Lisboa—e parece-me supérfluo estar sempre a repetir isto—S. Cristóvão no dia fatal do Terramoto, não estava como de seu comêço. Quantos restauros e beneficiações deveria ter sofrido!

O sismo grande trouxe-lhe dano, havendo caído as duas tôrres, que foram parar à «Fancaria», mas escapando o corpo central. Em 1738 estava reedificada, mas em 1839 nova e importante reconstrução recebeu, e é dessa época o aspecto actual. Um adro, com sua cruz que existia à esquerda, desapareceu por essa época, e fez-se então a entrada actual, de adro reduzido, servido por dois lances de escadaria lateral.

Além da entrada principal, sob alçado simples, possue S. Cristóvão uma porta interal, com sua inscrição latina, e antiga sem dúvida, embora seja dividado de atiga se a sempre neste lugar.

Entremos. Aí temos uma exuberância de doirados e de pinturas que não é vulgar nas paróquias de Lisboa. Não há um pedacinho de parede que não esteja a erto de tela de óleo ou de talha. Em contraste, nota-se a ausência de actuaçio, tanto no gôsto do século de oitocentos.

S. Cristóvão de uma única nave, tem um valioso tecto apainelado em concha nos rebordos, e decorado de pinturas independentes; neste jeito é raro em Lisboa.

À direita de quem entra, ao lado da porta, há o batistério pobre, e à esquerda uma capela, ou concavidade sem altar, onde se vê uma imagem de Nosso Senhor dos Aflitos.

A porta lateral, à direita, rasga-se, alta, e sobrepujada de um quadro de pintura que não podemos identificar, e logo se seguem dois altares: o de N.ª S.ª da Conceição e o do Santíssimo, êste adornado também com um Cristo ao fundo e quatro graciosas imagens de S. Joaquím, Sant'Ana, S. José e Maria Santíssima, e ainda com um Menino Jesus, ao centro, desproporcionado e encantador de ingenuidade imaginária.

Do lado esquerdo há três altares: o de N.ª S.ª das Dôres, o de N.ª S.ª dos Aflitos, com Santa Terezinha, e o de N.ª S.ª dos Prazeres, cuja corôa de prata é notável. Nos topos dois pequenos altares: Coração de Jesus e N.ª S.ª de Fátima. Dois púlpitos sem interêsse, um por cada lado, compõem o corpo de igreja, cujos altares são ricos de talha, e têm nos intercolúnios pintura a que se não atribue valor de Museu.

A capela-mór ostenta a imagem de S. Cristóvão, em madeira, enorme, talvez a maior de Lisboa, com seu Menino Jesus ao colo, mas de tal modo que parece que o leva ao ombro.

O templo, interiormente, é percorrido por uma galeria, na qual se rasgam três varandas, por cada lado, no corpo da igreja, e duas na capela mór.

A sacristia actual, e o lavabo, ao fundo direito do corpo da igreja, não têm interêsse. É na sacristia velha, hoje casa de arrecadação, que se encontra num arco-sólio, metido na parede que faz a fachada da frente, o túmulo brazonado do suposto fundador, e que deve ter sido apenas reedificador ou protector.

Neste arco-sólio, evidentemente muito antigo, não está sòmente o túmulo de D. Martinho, com sua legenda, mas outras urnas, com datas de 1463 e 1466, também esclarecidas de legendas.

De novo no largo surpreende-nos, a quebrar o conjunto urbano, êste edifício, a Nascente, onde se lê em grande letreiro «Associação dos Empregados do Comércio de Lisboa». Esta prestimosa colectividade é a proprietária do imóvel, amplo e moderno (não confundas com modernista). Este prédio, com seus jardins e anexos, foi reedificado sôbre o palácio dos Condes de Aveiras, depois Condes de Vagos

Pagos de S. Cristóvao

Neste sítio assentaram os Paços de S. Cristóvão, nos séculos xv c xvi, com grandes tradições realengas e cortezãs, e que no tempo de D. João II pertenceram a D. Alvaro de Bragança, Regedor das Justiças, filho de D. Fernando, 1.º Duque dêste título. Quando do Terramoto, as riquezas dêste Palácio, já dos Condes de Aveiras, que nele haviam feito em 1740 grandes melhorias, desapareceram completamente, salvando-se apenas a livraria. O portal, que notas aqui na Rua do Regedor, deve ter sido aproveitado da primeira fábrica, quando da obra anterior ao Terramoto, e ficou sempre como um sinal de atenção para o passado solarengo e pação da casa.

Nos tempos em que êste edificio foi Paço, nele se realizaram as pomposas festas do casamento de D. Leonor, filha do Rei D. Duarte, com o Imperador Frederico III da Alemanha (1451); neste Paço nasceu o malogrado principe D. Afonso, filho de D. João II, e porventura o

próprio «Príncipe Perfeito».

Certo é terem no Paço de S. Cristóvão reunido, em 1456, as Côrtes para aclamarem êste Rei.

Becoldingnis is amparo

Dêste largo e rua sobe-se por continuas escadas (sempre Rua da Achada) para a Costa do Castelo, e encontra-se à direita o velho Recolhimento do Amparo ou de S. Cristóvão, dentro de um pátio ou eirado, cujo portal ostenta uma lápide relativa à fundação do Recolhimento. Podemos ler no português de hoje: «Louvado seja o Santíssimo Sacramento. Este Recolhimento de N. S.ª do Amparo é das meninas orfãs. Padre Nosso pelas Almas. 1610». Esteve sujeito à Real Mesa da Consciência, e destinou-se finalmente só a pensionistas. Mas entremos no Pátio. O Terramoto sacudiu esta Casa e deixou-a mal tratada.

É hoje uma ruína absoluta. Ostenta no exterior altas arcadas simples, de volta inteira, assentes sôbre pilares de pedras sôbrepostas. Oferece um aspecto tristemente decorativo. Casas de moradias míseras e, dentro, as habitações de vèlhinhas respeitáveis, albergadas neste Recolhimento do «Amparo a S. Cristóvão», sujeito ao Ministério do Interior, e a que já me referi no Livro II, quando falsi dos «Merceeiras».

Está de tal modo pôdre tudo isto, que as pobres sennoras ja cersido transferidas para outros Recolhimentos e sei que o velho prédio vai ser em parte demolido.

Mas retornemos. A Rua de S. Cristóvão, que ao fundo sul bi-

furca para o Beco e para a Rua das Farinhas, leva ao Largo da Achada pelas escadas do Beco do Jasmim e pelo Beco que sai de trás da igreja.

Da Rua das Farinhas sobem também para o Largo da Achada o Beco das Flores (escadas) e o das Gralhas, que encontra no seu trajecto as escadas do citado Beco do Jasmim.

Este sítio da Achada, que foi arrabalde da cidade muçulmana, deve o seu nome, muito antigo e característico, pois já é citado em 1554, ao facto de aqui se encontrar uma pequena planicie ou descanço da encosta. «Achada», com efeito, é uma contracção de «achaada», terra chã.

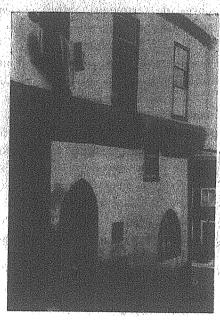
Como vês, há aqui casas curiosas, interessantes na sua construção de alguns séculos, e como raras se encontram na Alfama; por exemplo: estas da esquina n.ºs 17 e 19 de feitio setecentista, com primeiro piso de ressalto e três andares, e na reentrância (da Achada,

ou Jasmim forçadamente) defronte do Largo êste prèdiozinho n.º 54, com porta ogival simples e janela do mesmo tipo.

É, no seu conjunto, bem pitoresco êste sítio, com seu marco fontenário rodeado de escadaria circular.

Retornemos ao Largo da Achada, no qual se encontra a citada Rua das Flores que conduz, em escadaria é claro, e descendo, à Rua das Farinhas. Para melhor entendermos êste sítio — estás por isto? — iniciemos êste sector de jornada pelo Borratém.

É maçador, bem sei, ter de descer para subir; mas, meu Dilecto, só assim realizaremos a sério esta Peregrinação.



Casitas de porta e ianela ogivais num recanto do Largo da Achada

De Poço do Borratém sobe-se pelas escadas do Beco dos Surra-

a Rua de S. Pedro Mártia, de onde saem mais escadas, em curioso dédalo, entroncando-se e conjugando-se, acabando por se reunir no Largo dos Trigueiros. É um capricho de construção de acaso, mas mais parece fantasia feliz de urbanistas antigos, que disfarçaram pitorescamente os declives da encosta.

Do pequeno Largo dos Trigueiros sai o Beco das Farinhas, que vai dar a S. Cristóvão, e no qual se encontra à direita, metida na parede de um prédio, uma pedra em ângulo que diz de um lado «S. Cristóvão», e do outro «S. Lourenço», com data de 1700. Isto é: aquele marco mural marcava o local exacto da separação das freguesias, hoje reunidas.

Do lado oposto às Farinhas nasce a Rua das Fontaínhas — deliciosa designação toponímica!—,e logo no seu comêço a ladeia um pedaço de muro alto, em manifesta ruína, tendo sôbre êle umas casitas pobres, de certo jeito antigo, em equilibrio, com seus quintalórios e uns pedaços tristemente arborizados.

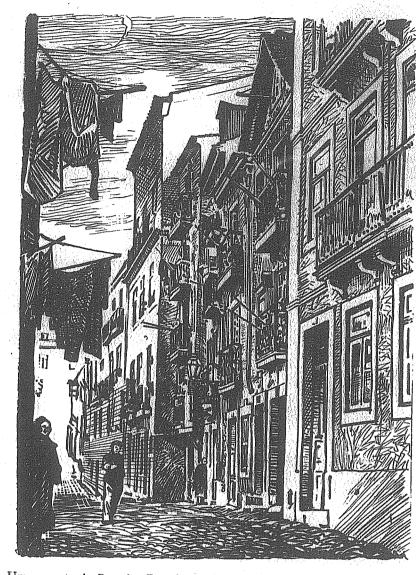
Para o lado Norte (banda do Castelo) abrem as Escadinhas — sempre escadas por aqui — que levam à Rua das Farinhas, a avenida do sítio, com o seu Rossio que é o Largo da Rosa. Subamos.

É interessante êste conjunto de três prédios, ao centro da rua, os mais típicos da artéria e do sítio. O que tem os n.ºº 22 a 26, com empena de bico, mostra uma pedra com um corvo, em relêvo, e uma legenda «Sam Vecênte», vestígio do culto vicentino e da predilecção popular pelos corvos que acompanharam o corpo do Santo a Lisboa desde o Cabo Sacro. O outro prédio, n.º 28 a 30, mostra-nos um registo de S. Marçal, dos mais antigos entre as centenas que Lisboa possue. O prédio seguinte, n.ºs 32 e 34, é curiosissímo: alto, esguio, «aguarelado» de si próprio, com seus canteiros de flores e a face da sua modéstia.

Por quanto tempo viverá isto? Eu não tenho, e tu também não, apêgo a estes versos soltos de redondilha urbanista; confesso porém que se amanhã por aqui passasse e isto já não existesse — tinha pena.

O Largo da Rosa fica-nos a trinta passos. Para êle se pode subir também por escadas que nascem da Rua das Fontaínhas. Esta Rua passa em curva, e em rampa, a poente de um lanço da velha muralha da Cêrca de D. Fernando — exactamente a base de uma tôrre —, e ao qual se encosta o animatógrafo da Mouraria.

aa farints



Um aspecto da Rua das Farinhas, a S. Cristóvão, notando-se os três pitorescos prédios do fim do século xvIII entre dois já do século passado

«Peregrinações» — Estampa5 — Livro III

Como te disse, êste Largo, e no qual há um tanque público de lavagera, é o Rossio dêste sítio.

Con os o passo dêste pitoresco trecho de jornada. Sejam quais forem os olhos com que contemplaste de fugida todo êste labirinto, S. Cristóvão, os Trigueiros, as Farinhas, a Achada, os becos, as escadinhas, as casitas ingénuas e as esquinas condenadas a camartelo—, lavemo-los na luz embriagadora da cidade que daqui se alcança para as bandas do Campo de Sant'Ana, de tal sorte, e com tantas côres, tons e gamas de tintas irisadas ao sol— que tudo parece a paleta suspensa de um pintor, que lhe deu também para descansar.

E agora — Mouraria.